RESUMO - PARADESPORTO

LESÕES ESPORTIVAS NO PARABADMINTON: ANÁLISE DESCRITIVA DE INTERVENÇÃO, DIAGNÓSTICO E TEMPO DE AFASTAMENTO

Bruna Lopes De Alcântara (brualcantara7@gmail.com)

Marília Passos Magno E Silva (profamariliamagno@gmail.com)

INTRODUÇÃO: A vigilância em saúde de atletas paralímpicos é fundamental para a longevidade esportiva. Lesões não tratadas devidamente podem sofrer agravamento, resultando em afastamento esportivo, comprometimento das atividades de vida diária e da autonomia da pessoa com deficiência. OBJETIVO: Descrever os tipos de tratamentos realizados e tempo de afastamento de atletas com lesões esportivas no parabadminton. METODOLOGIA: Trata-se de um estudo observacional, descritivo e transversal, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde (ICS/UFPA) pelo parecer de número 7.907.473. Os dados foram coletados durante o Campeonato Pan-Americano de Parabadminton 2025, realizado entre os dias 22 e 26 de outubro de 2025. Foi aplicado questionário sobre lesões esportivas baseado no Protocolo de Lesões Esportivas no Esporte Paralímpico (PLEEP) com o objetivo coletar informações referentes ao histórico de lesões ocorridas no período pré-competitivo e competitivo. RESULTADOS: Participaram da competição 103 atletas brasileiros, dos quais 57 participaram da pesquisa, sendo 57,9% (n=33) do sexo masculino. A idade média dos participantes foi de 33 anos (±11,19). Ademais, 38 apresentavam histórico de lesão, sendo 57,9% (n=22) com lesão no momento da coleta e 42,1% (n=16) com histórico prévio de lesão. Quanto

ao diagnóstico, o mais prevalente foi a tendinopatia, com 27,7% (n=18) dos casos, seguido de 23,1% (n=15) de relatos sem diagnósticos fechados, considerando as queixas onde o atleta relatou apenas o sintoma ou a região que doía, mas não tinha um nome clínico. Quanto ao tratamento, 55,3% (n=21) realizaram tratamento fisioterapêutico, 31,6% (n=12) realizaram tratamento fisioterapêutico associado ao tratamento médico e 13,2% (n=5) não realizaram qualquer tipo de tratamento. A média de afastamento esportivo decorrente das lesões foi de 1,60 (±3,39) meses, sendo que 55,3% (n=21) atletas lesionados relataram não ter se afastado das atividades esportivas. CONCLUSÕES: O tratamento fisioterapêutico foi a principal abordagem adotada pelos atletas lesionados. Entretanto, observou-se que parte dos indivíduos não realizou nenhum tipo de acompanhamento, mesmo estando inseridos em um contexto de alto rendimento. Esse comportamento pode ser reflexo da falta de diagnósticos clínicos, o que propicia o agravamento das lesões. Quanto ao tempo de afastamento, constatou-se que a maioria manteve a prática esportiva apesar da lesão. Embora esse comportamento possa sugerir uma percepção de baixa gravidade, no contexto do esporte para pessoa com deficiência, pode comprometer a eficácia do tratamento, o processo de reabilitação, o tempo adequado de recuperação e até mesmo a autonomia e independência nas atividades de vida diária.

Palavras-chave: lesões esportivas; esportes com raquete; pessoas com deficiência.